

## **O QUE QUER E PODE ESTA LÍNGUA: MEMÓRIA E DISCURSO NA MÍDIA IMPRESSA**

Cláudio Gonçalves Gomes<sup>1</sup> (UFBA)

Orientadora: prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iracema Luiza de Sousa

86

**RESUMO:** Neste artigo, que se vincula ao nosso projeto de pesquisa de doutoramento pela Universidade Federal da Bahia, orientado pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iracema Luiza de Sousa, visamos analisar como a memória discursiva reatualiza uma formação discursiva purista no que concerne à língua na instância midiática, representada pela revista impressa *Língua Portuguesa: Conhecimento Prático e Língua Portuguesa*. Para tanto, selecionamos um *corpus*, composto de alguns gêneros discursivos que circulam nas revistas. Neste estudo, fundamentamos nossa análise no mirante na análise do discurso francesa (AD), advindas dos estudos Pêcheux, Courtine e Foucault. As nossas breves análises revelaram que há um discurso sobre a língua pautada no prescritivismo que reverbera nestes artefatos culturais, em que uma ordem discursiva exerce o controle sobre o que é língua, legitimando uma fetichização de uma norma a que os sujeitos devem obedecer, tornando-se, assim, cúmplices da sua própria submissão linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** DISCURSO. MEMÓRIA. MÍDIA. NORMA. PODER.

**ABSTRACT:** In this article, which is linked to our PhD research project by the Federal University of Bahia, directed by prof. Professor Dr. Iracema Luiza de Sousa, we aim to analyze how the discourse memory renews a discursive purist regarding the language instance in media, represented by the printed magazine Portuguese Language: Portuguese Language and Practical Knowledge. We selected a corpus composed of some genres that circulate in magazines. In this study, we base our analysis on the

---

<sup>1</sup> Doutorando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo programa de pós-graduação em Língua e Cultura, orientado pela professora Dr.<sup>a</sup> Iracema Luiza de Sousa. E-mail: claudiog.gomes@hotmail.com.

lookout in French discourse analysis (DA), the resulting study Pêcheux, Courtine and Foucault. Our brief analyzes revealed that there is a discourse on language prescriptivism ruled that reverberates in these cultural artifacts, in which a discursive order has control over what is language, legitimizing fetishization of a standard to which the subjects must obey, making is therefore complicit in their own submission language.

**KEYWORDS:** SPEECH. MEMORY. MEDIA. STANDARD. POWER.

## INTRODUÇÃO

*O que quer o que pode esta língua*, pré-título que encabeça esta comunicação, um dos versos da canção de Caetano Veloso nos faz pensar sobre o que essa língua e como sobre ela pesam determinadas posicionamentos dos sujeitos que se vinculam a formações discursivas que estão em jogo na ordem discursiva midiática. Nesse sentido, pretendemos verificar como alguns discursos sobre a língua reverberam uma memória discursiva que reatualiza uma formação discursiva na qual língua é representada pelo olhar purista, normativo. Dessa forma, em um primeiro momento, faremos uma breve retomada teórica sobre a mídia como dispositivo de poder, a norma no discurso midiático e a memória discursiva. Em seguida, teceremos uma breve análise com base em alguns recortes discursivos por nós selecionados da Revistas *Língua Portuguesa* e *Língua Portuguesa: Conhecimento Prático*.

## 1 A LÍNGUA NA ORDEM DISCURSIVA MIDIÁTICA

Sabe-se pela ótica da análise do discurso francesa (AD) que os sentidos são construções históricas produzidos por sujeitos que não são a origem do dizer e, portanto,

os sentidos deslizam de uma formação discursiva a outra, materializados nos textos que circulam socialmente. Nesse sentido, refletir sobre a mídia como um dispositivo de poder é pensá-la na ordem do discurso. E nesta ordem sentidos são interditados, silenciados, reproduzidos, excluídos numa discursividade em que saber e poder ocupam palcos de disputa (FOUCAULT, 1996). Por isso, é necessário submeter-se à ordem discursiva na qual o que se pode e se deve dizer, vincula-se ao momento histórico e à produção dos sentidos (GREGOLIM, 2003).

Os discursos veiculados pela mídia em relação à língua quase sempre são marcados por algumas características que podemos elencar, com base no que postula Possenti (2003): (i) preconceito; (ii) viés normativo; purismo; língua é escrita, entre outros. Queremos destacar tais elementos porque, de certa forma, eles estão imbricados. Em outras palavras, a atitude purista em relação à língua gera uma atitude preconceituosa em relação aos usuários da língua. A visão purista, como se sabe, pauta-se numa dicotomia certo x errado, num código moral sagrado, perfeito em que língua se confunde com a escrita formal do português canônico.

Se jornalistas, escritores se inscrevem nessa ordem, ou, seja na ordem discursiva que pensa a língua tão somente pelo viés normativo, o que pensam os sujeitos que escrevem sobre a língua na mídia impressa não canônica como a *Revista Língua Portuguesa* e a *Revista Língua Portuguesa: Conhecimento Prático* que transitam entre o discurso jornalístico, o de divulgação científica e o pedagógico? Por ora deixaremos em suspenso tal questão para tentarmos responder com a análise.

## 2 MÍDIA E NORMA: UMA MEMÓRIA DISCURSIVA QUE SE ATUALIZA

A mídia constitui, na contemporaneidade, principal dispositivo discursivo no qual acontecimentos são marcados pela tensão entre a memória e esquecimento, ligando-nos ao passado e ao presente (GREGOLIM, 2011). É possível dizer que a mídia constitui um lugar de “verdades” na qual circulam enunciados oriundos de várias fontes,

produzidos na exterioridade ou na interioridade dos próprios meios (FISCHER, 1996). Com efeito, o leitor é interpelado discursivamente a entrar na ordem midiática marcada pela diversidade de textos verbais e não verbais, “compondo o movimento da história na ressignificação de imagens e palavras enraizadas no passado” (GREGOLIM, 2011, p. 302).

Para Pêcheux (2007, p.58), a memória não pode ser entendida na sua definição psicoligante. Trata-se, portanto, de uma memória social, mítica, caracterizado por “um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos de retomadas, de conflitos de regularização”.

Courtine (2006), a partir do trabalho de Foucault, traz para o corpo da AD uma memória discursiva que não se atém aos enunciados verbais, mas diz respeito aos enunciados visuais. Nas palavras desse autor:

Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso também poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem (COURTINE, apud MLANEZ, 2006).

Por conseguinte, a mídia faz circular enunciados verbais e visuais que reatualizam uma memória discursiva sobre certos acontecimentos que ganham relevância em sua agenda. Nesse contexto, como a língua é pensada pela agenda midiática por meio dos seus textos verbais e imagéticos? Que posição discursiva dos sujeitos organiza saberes sobre a língua, seu ensino, no funcionamento da prática discursiva de revistas impressas?

### 3 UMA LEITURA DISCURSIVA DO *CORPUS*: PROCEDIMENTOS E ANÁLISE

Optamos, para esta comunicação, por um *minicorpus* constituído de alguns recortes que caracterizam nosso *macrocorpus* caracterizado por dez edições de cada uma das revistas por meio das quais buscamos construir o arquivo da nossa pesquisa em curso. O recorte constitui uma “unidade discursiva; fragmentos correlacionados de linguagem e situação (ORLANDI, 1987, p. 139). A análise se dará em um movimento de idas e vindas entre a teoria, consulta ao corpus e interpretação. Seleccionamos uma capa de uma das edições de 2010 e alguns recortes que constituem a escrita dos sujeitos das *Revistas Língua Portuguesa e Língua Portuguesa: Conhecimento Prático*.



Figura 1, ano 3, n.º 39, 2010

Na leitura da capa buscamos apoio em Souza (1998) que postula o conceito de policromia, ou seja, os elementos constitutivos da linguagem não verbal remetendo a semelhança de vozes no texto. Trata-se de “diferentes perspectivas instauradas pelo **eu** na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico [...]”. Dessa forma, buscamos identificar os efeitos de sentido da posição-sujeito enunciador na capa ao se inscrever numa determinada formação discursiva. Esta funciona como mecanismo para instigar a posição sujeito-leitor. Por meio das capa, do seu colorido, das manchetes, o sujeito é interpelado, inicialmente, pela cultura visual

que a revista explora. Assim, o vermelho em destaque ressalta o título da Revista produzindo, interpelando a posição- sujeito leitor a ordem discursiva do olhar. O preto em negrito direciona o sujeito para a manchete principal da revista em que os enunciados vincula-se a uma posição- sujeito que se identifica com a Formação Discursiva (FD) purista.

Gostaríamos de nos deter na imagem do macaquinho e a formulação linguística que a acompanha. O mico é a denominação comum a várias espécies de pequeno porte e cauda longa. Figuradamente, apresenta algumas acepções<sup>2</sup>, entre as quais destacamos duas:

- (i) Gír. Situação embaraçosa, que causa vergonha. Vexame.
- (ii) Gír. “Pagar mico” – Passar por um constrangimento devido à situação vexatória.

A formulação linguística *Os “micos” da linguagem: os tropeços de portugueses que podem comprometer sua imagem e reputação* remetem aos significados negativos desse lexema. O que nos interessa nessa formulação é que a posição-sujeito se insere numa FD do senso comum no que concerne à língua, o que remete a uma memória discursiva que retomam ditos que circulam na mídia sobre o que é o português, pautado numa visão prescritiva. Como podemos observar nos exemplos arrolados abaixo retirados de Baronas (2003, p.86):

(1) *Falar e escrever, Eis a questão, da Revista Veja de 7 de novembro de 2001: a verdade é as pessoas finalmente perceberam que precisam dominar a norma culta*

---

<sup>2</sup> As definições foram retiradas do DICIONÁRIO on line de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/mico/>>. Acesso em 28 mar. 2013.

*do idioma. Principalmente na vida profissional quem não consegue articular pensamentos com clareza e correção têm um grande entrave à ascensão da carreira.*

(2) *Artigo de Diogo Mainardi Os pronomes e a Rússia, publicado na revista Veja em 22 de março de 2000: por isso eu digo que, resolvendo ambiguidades acerca dos pronomes e prenomes, fica mais fácil acertar o resto, diminuindo o desemprego, a violência, o déficit na balança de pagamentos. Acreditem em mim.*

O que se vê, assim, nessas formulações linguísticas é a posituação de uma saber metalinguístico canônico como um produto a ser ofertado aos sujeitos na resolução de questões individuais ou coletivas. Essa posituação da língua padrão é o que possibilita aos sujeitos a cumplicidade com sua própria submissão linguística (BARONAS, 2003).

Sujeito A: Luiz Costa Pereira Júnior-editor da Revista Língua

Texto: A máquina que vira vício (artigo)

Recorte 1

*Muita gente padece de cacoetes de linguagem. Termos-muletas, cacos verbais e fórmulas de raciocínio surgem (“meio que” ou “tipo assim”) petrificados, repetidos no automático, deforma viciada ou fora do contexto, incomodando o ouvido ou olho alheio e desvalorizando a mensagem.*

Recorte 2

*Os vícios de linguagem de fato complicam e embaraçam um texto ou “discurso. Mas seu efeito perverso é afetar a fala, a escrita, a mente, o raciocínio (grifo nosso), e a coisa se complica quando o cacoete linguístico toma a forma de “toda uma” argumentação. A pessoa pode, assim, viciar-se em repetir construções (“entende?”,*

*“percebe”, “como eu estava falando”, “veja bem...” sempre que levada a tomar a palavra, romper o silêncio, dar sequência a um raciocínio...”*

Nesta posição-sujeito editor da revista verificamos uma identificação com a formação discursiva prescritiva, em que o interdiscurso faz emergir saberes dessa ordem: a perspectiva de língua se legitima com base no que dizem gramáticas e dicionários. O sintagma “vícios de linguagem”, elencado em diversas gramáticas (cf. BECHARA, 2001) que circulam no mercado, têm reverberado em alguns discursos oficiais, tais como nas orientações para exposição oral e redação do IBGE:

[...] Quem se comunica melhor, em geral, aproxima-se melhor da equipe e passa mais confiança para a chefia. Inicialmente, é preciso vencer a timidez para falar em público e dois fatores colaboram para a pessoa falar melhor: boa carga de leitura e o treino. Dicas para atingir um bom desempenho: evite as gírias e os vícios de linguagem (né, tá?!) (BRASIL, 2013).

Ademais, a posição sujeito ancora seu dizer numa concepção em que utilizar compromete a oralidade, a escrita e o raciocínio. Em tal concepção subjaz uma noção de língua como uma estrutura e expressão do pensamento, desvinculada do uso real que dela faz os falantes. Esta posição-sujeito reconhece os elementos linguísticos como cacoetes e não marcadores conversacionais que funcionam para marcar os turnos e para organizar o tempo de fala dos interlocutores em situação comunicativa.

Sujeito B: Léo Ricino, mestre em Letras e Comunicação

Artigo- A velha e boa gramática

Recorte 3: [...] *não há a menor lógica em se manter o ensino de gramática como se fazia há trinta, quarenta anos. Esse tipo antigo de ensino gramatical hoje seria*

*rotulado de mera gramatiquice, muito embora naqueles tempos tirava-se muito proveito dele. É só verificar que as pessoas acima de sessenta e setenta anos que tenham se submetido ao ensino de outrora não apresentam grandes dificuldades com a escrita ou com a leitura.*

*Recorte 4: O ensino da gramática contribui muito para a aquisição dessa competência e gera a habilidade de produzir bons textos e compreender a produção textual alheia. É lamentável que, por capricho ou ignorância de alguns iluminados, sempre sentados em gabinetes no MEC, ou até nas escolas, sem qualquer contato com a realidade de uma sala de aula, tenham tachado a gramática a vilã do ensino moderno, substituindo-a por insinuações de leitura e compreensão de textos [...].*

A posição sujeito professor universitário inicia a sua escrita parece ancorar-se no discurso de crítica ao ensino de gramática, ancorando seu saber na formação discursiva científica. Para Lara (2008), a formação discursiva linguística, do ponto de vista cronológico, representa o discurso segundo, enquanto a formação discursiva purista representa o discurso primeiro. Dessa forma, quando a língua é pensada como estrutura, com base em critérios como correção ou incorreção, elegância ou deselegância, etc. ou como instrumento de comunicação opõe-se ao discurso segundo, oriundo da sociolinguística, da pragmática, entre outras. No entanto, a posição-sujeito deixa antever uma identificação com o discurso primeiro, porquanto pressupõe no dito que o ensino pautado na gramática das gerações era mais produtivo, já que “os sujeitos apresentavam menos dificuldades para ler e escrever”.

A posição-sujeito defende a prerrogativa de que aprender a gramática normativa é condição para ser um “bom” leitor e um “bom” produtor de textos. Há um pressuposto de que o ensino da língua, antigamente, pautado na gramática produzia sujeitos sem tantas dificuldades de leitura e de escrita. Parece reverberar nesse discurso um certo

saudosismo em relação ao ensino da gramática, já que esta passou a ser o não centro no ensino da língua, sobretudo a partir das contribuições do discurso segundo. Nesse sentido, há uma crítica àqueles que defendem um ensino da língua, desvinculado do ensino gramatical.

Vale ressaltar que a posição-sujeito apresenta um simulacro, nos termos de Maingueneau (2005), daqueles a quem ele tece críticas de forma genérica, não apresentando nenhum dado empírico que fundamente sua argumentação. Isso porque no campo da formação discursiva científica se questiona a gramática normativa como um fim em si mesmo, como pretexto para ensinar terminologia gramatical, sem relação com a leitura, a produção de texto.

## **PALAVRAS QUASE FINAIS**

Retomando os questionamentos iniciais, o que pensam sobre a língua os que lidam com a língua na ordem discursiva midiática? Uma memória discursiva emerge dessas posições sujeito que faz falar nos enunciados verbais e imagéticos um discurso da norma, um discurso na qual a língua é intocável, sem vícios. Uma rede discursiva que remonta a tradição de conceber a língua tão somente como estrutura, como expressão do pensamento. Apesar do discurso de pensar a língua em outra perspectiva, em um discurso segundo, o lugar da norma se legitima e reverbera, encontrando eco nas discursividades contemporâneas. Afinal, o que quer e pode esta língua? Pode desamarrear-se dos sentidos que a engessam e alçar voos, pode “conter” o incontível”? A língua é o espaço das contradições, das tensões que organizam os saberes dos sujeitos, vinculados a determinadas formações discursivas.

O recorte por nós selecionado aponta para uma escrita em que as posições sujeito se vincula a FD prescritiva. O sujeito que escreve se identifica com esta formação, produzindo efeitos de sentido de uma língua monolítica, homogênea.

Mas como o poder implica resistência (FOUCAULT, 1995), como a língua é não transparente e sujeita ao equívoco, é possível vislumbrar uma outra formação discursiva na qual as posições- sujeito possam:

“Criar confusões de prosódia  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furtem cores como camaleões”

## REFERÊNCIA

BARONAS, Roberto Leisir. A língua nas malhas do poder. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo** (Org). GREGOLIN, Maria do Rosário. São Carlos: Clara Luz, 2003.

BRASIL. IBGE. **Exposição Oral/Redação para Processo Seletivo**. Disponível em: <[http://www.ence.ibge.gov.br/estagio\\_curricular/redacao.asp](http://www.ence.ibge.gov.br/estagio_curricular/redacao.asp)>. Acesso em: 28 ago. 2013

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

COURTINE, Jean Jacques. **Metamorfoses do discurso político**. Derivas da fala pública. MILANEZ, Nilton; PIOVEZANI, Carlos (Org.). São Carlos: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GREGOLIM, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: **Análise do discurso e suas interfaces**. TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; CHIARETTI, Paula (Org.). São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

LARA, Glaucia Muniz Proença. Aplicando alguns conceitos de “Gênese dos discursos”. In: **Contribuições de Dominique Maingueneau para análise do discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MICO. In. DICIONÁRIO on- line de português. Disponível em:<<http://www.dicio.com.br/mico/>>. Acesso em 28 mar. 2013

MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago. In: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudos do texto e do discurso**. Mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHAD, Pierre et al. **Papel da memória**. 2. ed. Tradução José Horta Nunes. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a língua na imprensa. **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo (Org.). GREGOLIN, Maria do Rosário. São Carlos: Clara Luz, 2003.

RICINO, Leo. A velha e boa gramática. **Revista Língua Portuguesa**: Conhecimento Prático. n. 39. São Paulo: Escala Educacional,

SILVA, Lenaldo da. O ensino de língua e norma linguística. **Revista Língua Portuguesa**: Conhecimento Prático. n. 39. São Paulo: Escala Educacional,

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. **Discurso e imagem**: perspectivas de análise do não-verbal. In: Ciberlegenda- Revista eletrônica da UFF. n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm> [Comunicação apresentada no 2.º Colóquio Latino-americano de Analistas Del discurso, La Plata em Buenos Aires, agosto/1997]. Acesso em: 21 ago. 2013.